



DOSSIÊ TEMÁTICO:

O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

GeoImagens



**CABO VERDE: TURISMO & MORABEZA¹.
MOTIVAÇÕES DE VIAGEM A UM DESTINO EMPÁTICO**

Por Rui Jacinto

Rui Jacinto
Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do
Território (CEGOT – Universidade de Coimbra). Centro
de Estudos Ibéricos (CEI)
E-mail: rjacintomm@gmail.com

Como citar

JACINTO, R.. Cabo Verde: turismo &
morabeza: motivações de viagem a um
destino empático **Boletim GeoÁfrica**, vol.
1, n. 3, p. 80-104, jul.- set. 2022.

¹ Morabeza é uma palavra crioula que a língua portuguesa integrou e que significa afabilidade, simpatia, amabilidade, gentileza.



GEOGRAFIA, INSULARIDADE, CABO-VERDIANIDADE, PANO DE FUNDO DO TURISMO EM CABO VERDE

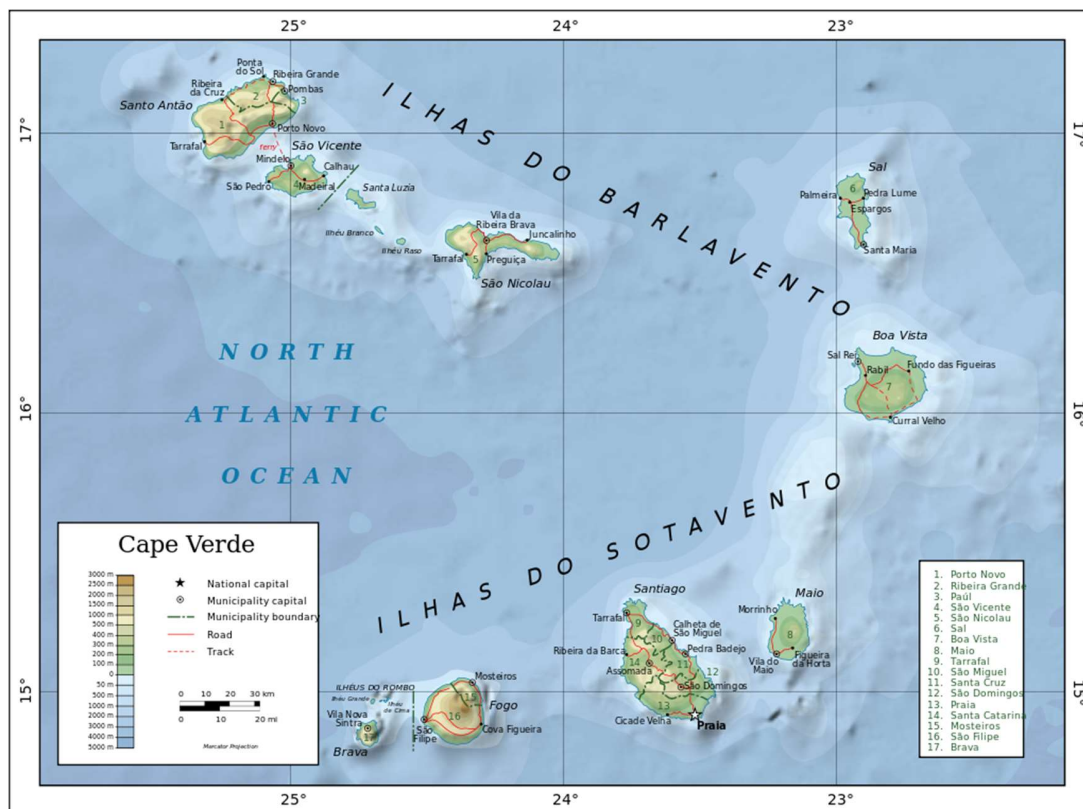
Geografia: quadro natural adverso, desiguais dinâmicas territoriais

A história e a geografia adversa, patente na vulnerabilidade das condições naturais e na precaridade dos recursos, fizeram de Cabo Verde um país singular. Tais elementos, associados à permanente envolvimento do mar, vincaram a identidade insular deste pequeno estado arquipelágico com apenas 4.033 Km². A dispersão territorial e a consequente descontinuidade geográfica, fruto da fragmentação por 10 ilhas e alguns ilhéus, acentua o sentimento de isolamento e a típica propensão contemplativa do cabo-verdiano.

O arquipélago, que se encontrava desabitado quando foi alcançado em 1460, alberga 483.628 residentes nas nove ilhas habitadas, segundo os dados provisórios do Recenseamento de 2022, já que Santa Luzia não regista atualmente ocupação humana. O povoamento, então iniciado, fez-se, fundamentalmente, com pessoas oriundas do continente português e da costa ocidental de África. A posição do arquipélago no Atlântico, a meio caminho entre a Europa, a África e as Américas, conferiu-lhe um lugar geoestratégico privilegiado no contexto internacional emergente, logo aproveitado como entreposto do tráfico de escravos provenientes da costa africana. Tal localização, particularmente sensível relativamente aos ventos alísios, é igualmente responsável pelo clima agreste que acabará por ditar boa parte do “insucesso” da colonização então encetada.

Os estudos geográficos sobre Cabo Verde iniciados em meados do século passado, inspirados na geografia regional, como era timbre na época, retratam com eloquência o quadro natural e o panorama humano do arquipélago (RIBEIRO, 1954, 1955, 1956; RIBEIRO, 1961; AMARAL, 1964; MARTINS, 1943). A geografia madrastra, cabalmente descrita por estes autores, destaca a topografia acidentada, a litologia vulcânica, o clima adverso, semidesértico, marcado pela fraca pluviosidade e por longos períodos de seca extrema, responsáveis pelas frágeis condições onde se iria exercer a ação humana.

Mapa 1. Arquipélago de Cabo Verde



Fonte: Wikipédia

A paisagem vulcânica, imponente e austera, acaba por se impor - ainda é possível apreciar um vulcão ativo na ilha do Fogo -, esboçando um quadro natural salpicado por crateras, mais ou menos bem conservadas, que nos remetem para os cones dos antigos vulcões que deram origem às ilhas. Sucessivos vales encaixados, profundos e alcantilados, que entrecortam as ilhas mais montanhosas, desenhando no horizonte silhuetas bem pontiagudas.

A omnipresença do mar contrasta com a falta de água em terra, insuficiente para permitir uma agricultura capaz de garantir a adequada sobrevivência da população. A população tem aumentado a um ritmo acelerado nas últimas décadas, sobretudo nas áreas urbanas, com mais visibilidade nos municípios de Praia, Sal e Boavista. O ritmo demográfico mais longo é explicado pelos ciclos bioclimáticos, associadas às crises motivadas pela seca, pela história política de Cabo Verde e, mais recentemente, pelo desenvolvimento do turismo, especialmente nas Ilhas do Sal e



da Boavista. As condições de vida, apesar dos progressos registados, ainda são frágeis, com manifestos problemas ao nível do acesso à água potável, à energia elétrica, bem como à mobilidade e à acessibilidade a certos serviços, vincando desequilíbrios, que se manifestam de modo mais flagrante no ambiente urbano, com profundas consequências sociais e espaciais (NASCIMENTO; JACINTO, 2015).

Insularidade: condições geoestratégicas privilegiadas e propícias para o turismo

A posição estratégica no meio do Atlântico conferiu a Cabo Verde um papel destacado no tráfego marítimo e na pesca de alto mar, designadamente da baleia. Estes aspetos, fundamentais por permitirem a abertura ao mundo e favorecerem a emigração, tiveram grandes repercussões a nível cultural e no modo do cabo-verdiano estar e se relacionar com o mundo.

O Porto Grande da cidade do Mindelo, na Ilha de S. Vicente, teve grande importância na época da navegação a vapor, enquanto entreposto carvoeiro, desempenhando um papel igualmente crucial no período do telégrafo, articulando as comunicações intercontinentais entre a Europa e a América do Sul como ponto de amarração dos cabos submarinos. Foi ainda no Mindelo que amarou o hidroavião pilotado por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em 1922, quando realizaram a histórica viagem aérea entre Lisboa e o Rio de Janeiro, ligando a Europa ao Atlântico Sul.

O Mindelo ainda vive a nostalgia desses tempos áureos. A partir do momento em que o avião se tornou o principal meio de transporte entre os continentes a cidade perdeu aquela centralidade. Este golpe foi ainda mais abrupto e profundo após a independência com a inevitável afirmação da capitalidade e a inerente concentração de serviços na Praia. As consequências materiais e intangíveis deste processo são responsáveis pelo sentimento de perda, abandono e mal-estar que se instalou entre os mindelenses. A ilha do Sal, mais plana, com condições mais favoráveis para acolher um aeroporto internacional, capitalizaria aquela função que foi decisiva para impulsionar o turismo, o que fez da ilha o primeiro pólo turístico de Cabo Verde.

As ruturas decorrentes da independência, ocorrida em 5 de julho de 1975, e os progressos impulsionados em termos económicos, sociais e políticos não alteraram drasticamente o quadro existente, como mostram alguns estudos geográficos mais recentes, realizados após a independência (CUNHA; JACINTO, 2011; JACINTO, 2015a; 2015b; 2015c; JACINTO; RIBEIRO, 2020). A importante mudança política ocorrida em 1990 que pôs fim ao regime de



partido único não só acelerou a abertura ao exterior como foi decisiva para impulsionar o turismo. Apesar das debilidades e dos custos de contexto, o turismo passou a ser uma oportunidade incontornável para Cabo Verde, base de qualquer estratégia de desenvolvimento, motor de transformação, como havia sido, aliás, em todos os pequenos países arquipelágicos.

A evolução rápida e intensa do turismo no virar do milénio foi feita ao arrepio das idiossincrasias e especificidades do quadro natural, económico, social e cultural. Estes aspetos, que são os pilares do desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, revelaram-se tanto fragilidades e vulnerabilidades como, simultaneamente, forças e potencialidades. A reestruturação territorial resultante desta evolução organiza-se segundo duas coordenadas interpretativas fundamentais: *afirmação das ilhas planas e arenosas* (Sal e Boavista), mais propícias ao turismo balnear de massas, baseado no sol e na praia, como polos de desenvolvimento, embora com menos expressão que na Praia e no Mindelo; *fortes migrações internas*, decorrentes de dinâmicas económicas e sociais, aceleradas pelo desemprego elevado e endémico, que continua a ser um dos aspetos mais críticos de Cabo Verde. Os intensos fluxos migratórios do campo para os centros urbanos, sobretudo para os três polos atrás referidos, são também responsáveis pela intensa urbanização, onde o desordenamento se associa a uma enorme precariedade (NASCIMENTO; JACINTO, 2015).

Cabo-verdianidade: diáspora, música e imaginário

A penúria de recursos e o permanente contacto com tripulações que, em trânsito, tocavam as ilhas precipitaram o permanente desejo de evasão e o sonho legítimo por uma vida melhor. A emigração foi potenciada, pois, tanto por necessidades reais impostas pelo meio como pelo convívio permanente com o mar. Os portos que rodeiam as ilhas assumiram a função ambivalente de serem cais de chegada e de serem olhados como pontos de partida. Nestes lugares nostálgicos o ilhéu projeta o seu desejo de evasão e deposita as mais fundadas esperanças de partir para mudar de vida e dar largas ao seu inquebrantável espírito de aventura. A forte diáspora que levou inúmeros cabo-verdianos a muitos países da Europa, da América e da África colocou o país perante a realidade singular de, hoje, ser superior o número de cabo-verdianos residentes fora do país face aos que habitam o arquipélago. Também aqui reside um nicho de mercado para o turismo baseado na saudade!



Os laços indivisíveis tecidos por esta relação afetiva perseguem os naturais do arquipélago por todo o mundo, continuando a instigar, mesmo na ausência, o apego à terra que os acompanha para além da fronteira azul que limita o perímetro das ilhas. A identidade moldada por estes ingredientes mais intangíveis, que acabou incorporada na paisagem humana de Cabo Verde, alimenta as raízes mais fundas que prendem os cabo-verdianos ao torrão natal. Se os que partem para *terra longi* vivem o permanente sentimento de ausência, quem fica continua amarrado a uma certa solidão, apanágio da insularidade, que decorre da finitude do horizonte e do eterno convívio com o mar.

O imaginário cabo-verdiano está impregnado desta plêiade de sentimentos, universo rico que expressam magistralmente através da cultura e das artes, sobretudo através da música e da literatura. A cultura crioula que emana de influências tão mescladas está patente, desde logo, na língua materna. A música foi a fórmula encontrada pelas gentes das ilhas para exprimirem os seus sentimentos, o bálsamo que inventaram para saciar a saudade, superar a lonjura, vencer a distância e manter vivo o obsessivo desejo de regresso ao torrão natal. A qualidade e o simbolismo deste legado foram reconhecido quando foi classificado como Património da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO): a morna, em 2019, como Património Cultural Imaterial, e a Cidade Velha, em 2009. Por isso,

A musicalidade que os cabo-verdianos expressam ao cantar, ao abordar qualquer instrumento musical ou, corporalmente, enquanto dançam, espelha a relação íntima e cúmplice que têm com a música. A penetração em todos os sectores da vida pessoal e colectiva do país torna a música transversal à sociedade, marcante da identidade de Cabo Verde, referência incontornável com que se identificam todos os que se encontram tanto aquém como além do Mar Azul. A capacidade única que revela para esbater essa fronteira líquida que separa residentes e ausentes, transformou-a num traço de união eficaz para encurtar distâncias entre as origens e a Terra Longe (...) A música tem uma função unificadora, gregária, gera uma atmosfera tocante de convívio, que envolve os corpos e a comunidade numa fraterna comunhão. (...) Neste pequeno país insular cada ilha é um universo musical. Esta relativa diversidade não deixa de assumir uma certa harmonia sonora que lhe é conferida pelas lendárias mornas e coladeiras, que coexistem com outros géneros, onde relevam o batuque, a tabanca, o colá ou o funaná. Géneros musicais como o lundum, a valsa ou a mazurca, embora oriundas doutras paragens, adquiriram o doce aroma que os trópicos lhes emprestaram. As influências africanas, presentes nas tabancas, batuques ou nas femininas batucadeiras, foram paulatinamente temperadas por interferências doutras latitudes até ficarem sedimentadas e serem decantadas nas perfumadas e ternurentas mornas e coladeiras (JACINTO, 2016, p. 381).



Os grandes temas da natureza, da sociedade e da economia cabo-verdiana também se encontram plasmados numa literatura que nos oferece páginas inolvidáveis duma geografia poética.

A ligação umbilical entre água, chuva e milho conferiram a esta trilogia, além duma real importância material e afetiva, um profundo significado simbólico e cultural, verdadeiramente transcendente para os cabo-verdianos. (...) As mensagens de cunho geográfico que particularmente evidentes nos romances da geração claridosa e percorrem toda a literatura de Cabo Verde, têm em pano de fundo a saga da água, da chuva, da seca e da emigração, temas que já estavam presentes na principal obra do seu primeiro cultor, o Chiquinho (1947) de Baltazar Lopes. (...) A geográficidade latente na literatura dá maior profundidade à leitura do território, um contributo inequívoco para o conhecimento da sociedade e uma interpretação mais próxima e íntima da geografia vivida, bem evidente no caso da água em Cabo Verde. Mesmo se a narrativa evolui ao sabor duma certa (geografia) poética, a literatura não deixa de conter elementos culturais indispensável para captar o espírito dos lugares e, com isto, enriquecer a geografia. (...) Tendo presente este quadro, optou-se por focar a atenção na obra de Manuel Lopes, por se tratar dum dos autores mais representativos duma época e duma geração, cujas obras de referência foram publicadas no final da década de 50: *Chuva Brava* (1956), *O Galo cantou na Baía (e outros contos cabo-verdeanos)* (1959) e *Os Flagelados do Vento Leste* (1960). Estes livros reportam-se à mesma época dos trabalhos escolhidos entre os geógrafos, escritos entre 1954 e 1964, excetuando o caso referido, período em que ainda estavam bem presentes na memória de todos as secas extremas e as crises agrícolas, que degeneravam em anos de fome e mortalidade em larga escala. Referiremos, apenas, as que ocorreram na primeira metade do século XX, relevando 1910, 1911-13, 1921-23, 1934-36, 1941-43, 1946-48; a vulnerabilidade e o risco a esta catástrofe natural é enorme, ao ponto de a perda de população registada em Cabo Verde, entre 1940 e 1950 foi de 17,5%, perdendo S. Nicolau 30,2%, já que a erupção ocorrida na ilha do Fogo (1951) não influenciou esta evolução (JACINTO, 2016a).

Sem nos alongarmos em outras divagações musicais ou literárias atentemos em alguns versos que nos foram legados por Amílcar Cabral² que sintetiza de forma lapidar o que temos dito e são, além do mais, uma subtil e sentida introdução à geografia de Cabo Verde:

² Amílcar Lopes da Costa Cabral (12 de setembro de 1924 - 20 de janeiro de 1973) foi um dos fundadores do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e líder da luta armada que seria assassinado em Conacri com apenas 48 anos. Engenheiro agrônomo de formação também fez incursões literárias como testemunha o seu legado poético de que se apresentam alguns excertos.



Ilha // Tu vives — mãe adormecida — /nua e esquecida,/ seca, /fustigada pelos ventos,/ ao som de músicas sem música/ das águas que nos prendem...// Ilha:/ teus montes e teus vales /não sentiram passar os tempos/ e ficaram no mundo dos teus sonhos/ — os sonhos dos teus filhos -/ a clamar aos ventos que passam, / e às aves que voam, livres, / as tuas ânsias! // Ilha: / colina sem fim de terra vermelha / — terra dura —/ rochas escarpadas tapando os horizontes, / mas aos quatro ventos prendendo as nossas ânsias! (Amílcar Cabral, Praia, Cabo Verde, 1945).

Regresso// Mamãe Velha, venha ouvir comigo/ o bater da chuva lá no seu portão. / É um bater de amigo/ que vibra dentro do meu coração. // A chuva amiga, Mamãe Velha, a chuva, / que há tanto tempo não batia assim.../ Ouvi dizer que a Cidade-Velha, / — a ilha toda —/ Em poucos dias já virou jardim.../ Dizem que o campo se cobriu de verde, / da cor mais bela, porque é a cor da esp’rança. / Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde. / — É a tempestade que virou bonança...

Naus sem rumo// Dispersas,/ emersas,/ sozinhas sôbre o Oceano .../ Sequiosas,/ rochosas,/ pedaços do Africano,/ do negro continente,/ as engeitadas filhas,/ nossas ilhas, / navegam tristemente ... // Qual naus da antiguidade,/ qual naus/ do velho Portugal, / aquelas que as entradas/ do imenso mar abriam .../ As naus/ que as nossas descobriram. // Ao vento, à tempestade, / navegam/ de Cabo Verde as ilhas, / as filhas do ingente/ e negro continente .../ São dez as caravelas/ em busca do Infinito .../ São dez as caravelas, / sem velas, / em busca do Infinito .../ A tempestade e ao vento, / caminham .../ navegam mansamente/ as ilhas, / as filhas/ do negro continente ...// — Onde ides naus da Fome, / da Morna, / do Sonho, / e da Desgraça? ...// — Onde ides? .../ Sem rumo e sem ter fíto, / Sozinhas, / dispersas, / emersas, nós vamos, / sonhando, / sofrendo, / em busca do Infinito! ...³

Geografia do Turismo de Cabo Verde: diversidade, assimetrias, políticas territoriais

Diversidade natural, desequilíbrios na distribuição dos recursos, dinâmicas territoriais assimétricas

Os vários estudos atrás referidos permitem-nos compreender a diversidade natural e na ocupação do espaço, as desiguais dinâmicas económica e social, as assimetrias territoriais, os constrangimentos e as oportunidades que têm estado subjacentes aos exercícios feitos para promover estratégias mais assertivas de desenvolvimento em Cabo Verde, tanto de índole em geral como, em particular, em termos de turismo.

A afirmação do país como destino turístico internacional assentam fundamentalmente nas especificidades do meio, nas singularidades da paisagem natural, nas condições climáticas, na temperatura da água do mar, na riqueza do património cultural e nas amenidades sociais. A procura também foi estimulada devido à progressiva qualificação da oferta, sobretudo de equipamentos turísticos, como testemunha o número crescente de estabelecimentos hoteleiros e de quartos

³ Amílcar Cabral em “Emergência da poesia em Amílcar Cabral” (30 poemas; Coleção Dragoeiro. Praia: Edição Grafedito, 1983) e recolha organizada por Oswaldo Osório.



disponíveis. Tanto a distribuição dos equipamentos hoteleiros como o aumento progressivo do número de estadias e de hóspedes não tiveram impactes idênticos em todo o território, porque se concentraram nas ilhas planas (Sal e da Boavista), onde os atrativos são o sol e a praia.

Em quinze anos (de 1999 a 2014) o número de estabelecimentos hoteleiros quase triplicou, enquanto o número de quartos e postos de trabalho relacionados com o setor multiplicou por quatro e a capacidade de alojamento quase multiplicou por seis. No que diz respeito à procura, o número de hóspedes triplicou e o número de dormidas quadruplicou entre 1999 e 2014, sendo este aumento especialmente significativo nas ilhas do Sal e da Boavista. Esta última tem-se afirmado como uma alternativa à ilha do Sal como destino turístico internacional.

O fenómeno turístico em Cabo Verde assume uma dimensão claramente internacional; o número de nacionais que viajam e utilizam as infraestruturas turísticas – embora nem sempre o façam por motivos diretamente relacionados com o lazer – não ultrapassa os 9%. Entre os estrangeiros, merecem destaque os turistas europeus e, em particular, os portugueses, os ingleses, os alemães e os franceses que, juntos, constituem cerca de 55% do número de hóspedes e cerca de 60% do número de noites. No entanto, a situação parece estar a mudar, na medida em que este destino começa a tornar-se extremamente atractivo para belgas, holandeses, espanhóis e americanos, para citar apenas os países que, entre 2001 e 2014, duplicaram o número de turistas” (CUNHA; JACINTO; CRAVIDÃO, 2015).

A distribuição assimétrica dos equipamentos, sobretudo os de apoio ao turismo, partilhada pela diversidade dos recursos naturais, bem como as dinâmicas que foram geradas, permite concluir que o incremento desta atividade não inverteu, mas, antes, apenas potenciou e ampliou desequilíbrios pré-existentes. As dinâmicas demográficas, económicas e sociais induzidas pelos fluxos turísticos revelaram-se ainda mais polarizadoras, acabando por transformar o Sal e a Boavista num novo pólo, baseado no turístico, com expressivo crescimento demográfico. A procura turística nas demais ilhas, revelou-se mais difusa, alcançando expressão em Santo Antão e no Fogo com base na natureza, em Santiago (Praia, Cidade Velha e Tarrafal) e no Mindelo motivada pelo património histórico e cultural.

Das assimetrias territoriais às abordagens estratégicas da promoção turística

O número de turistas em Cabo Verde cresceu em média, entre 2000 e 2008, 11,4% ao ano, passando de 145.000 turistas em 2000 para 333.354 em 2008. No que diz respeito às dormidas, deu-se um crescimento médio anual de 14,5% no mesmo período, passando de 684,7 mil para 1,8 milhões de dormidas em 2008. No entanto cerca de 95% dos fluxos turísticos centram-se “em



apenas quatro ilhas, nomeadamente Sal, (57%), Santiago (20,1%), Boavista (9,9%) e São Vicente (7,6%)” (CUNHA; JACINTO, 2013).

O lugar estratégico alcançado pelo turismo resulta crescimento que registou no passado recente e da importância que regista em domínios como: (i) *Económicos*: o turismo representa 20% do PIB de Cabo Verde, impulsionando de modo direto e indiretos os restantes setores económicos do arquipélago; (ii) *Sociais*: o turismo ocupa uma percentagem significativa da população ativa, além dos efeitos indiretos na restauração e na ocupação de mão de obra informal, que vive de expedientes, da venda de artesanato e outras atividades; (iii) *Territoriais*: o turismo tem forte expressão territorial que se manifesta na paisagem pela localização das infraestruturas, sobretudo equipamentos de apoio à atividade. Se os efeitos negativos que tem na paisagem e no ambiente obrigam a maior ponderação, os hipotéticos benéficos nas comunidades locais também devem mais repartidos, superando a concentração nas ilhas do Sal e da Boavista. As manifestações mais difusas, de âmbito mais localizado, mas importante para algumas comunidades mais remotas, sobretudo de Santo Antão e Fogo, devem ser potenciadas.

A escassez de recursos, a pequena dimensão do arquipélago, a geografia e as especificidades históricas do país sempre estiveram presentes na hora do debate das estratégias de desenvolvimento, designadamente as que têm implicações na expansão do turismo. Não se pode estranhar, pois, as sucessivas estratégias, programas, planos e políticas públicas de desenvolvimento orientadas para esta atividade, onde releva o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Cabo Verde (2010/2013). Nortearam o plano os seguintes objetivos: “(i) identificar o potencial turístico do país no contexto das oportunidades geradas pela situação atual – e esperada – para o setor a nível global; (ii) identificar áreas de melhoria e obstáculos ao desenvolvimento sustentável do turismo no arquipélago; (iii) definir e transmitir uma visão clara sobre o tipo de turismo que queremos para Cabo Verde, de acordo com a estratégia de desenvolvimento do país definida pelo Governo; (iv) estabelecer as políticas e orientações estratégicas dos programas de ação que visem atingir objetivos previamente definidos no sector do turismo, bem como identificar os recursos necessários à sua consecução; e (v) estabelecer mecanismos eficazes para monitorar e avaliar os resultados de sua implementação” (CUNHA; JACINTO; CRAVIDÃO, 2015).

O referido plano para o turismo do arquipélago, focado na promoção do “destino Cabo Verde”, visava “definir o posicionamento de Cabo Verde em função do desenvolvimento da marca



turística ... um país único, diferenciado de outros destinos identificados como concorrentes diretos. Partia dos seguintes pressupostos: “definir o posicionamento de cada ilha no uma lógica de produto (de acordo com a oferta atual); definir uma estratégia de segmentação do turismo em Cabo Verde (de acordo com os principais mercados alvo e tipologias de turistas atuais e potenciais); definir ações de promoção do destino cabo-verdiano; identificar oportunidades para o desenvolvimento sustentável do turismo”. A aposta desta política pública visava: “aumentar a competitividade de Cabo Verde como destino turístico; garantir o desenvolvimento sustentável da atividade turística a curto, médio e longo prazo termo; maximizar a internalização e democratização dos benefícios do turismo” (CUNHA; JACINTO; CRAVIDÃO, 2015).

Turismo & desenvolvimento: entre vulnerabilidades e coesão (ambiental, económica, social e territorial)

Os limites e as fragilidades naturais, económicas, sociais e culturais, que se tornam patente ao longo deste texto, condicionam o desenvolvimento de Cabo Verde, e do turismo em particular, designadamente numa evolução ambiental mais durável, socialmente mais inclusiva e territorialmente mais equilibrada. Os fatores naturais, os impostos pela geografia e os que decorrem dos constrangimentos históricos e sociais explicam tanto as dificuldades como o êxito relativo que o turismo tem evidenciado no arquipélago, revelando capacidade de atração e de se impor no panorama internacional dum setor competitivo, bastante mutável e muito exigente. Sem nos determos detalhadamente sobre *forças, oportunidades, fraquezas e ameaças*, típica de qualquer análise SWOT, e que foram sucintamente afluídas, importa destacar a diversidade relativa dos contextos geográficos das diferentes ilhas como os recursos específicos que suportam e dão conteúdo a um destino alternativo e relativamente especializado. O estudo citado, feito para orientar o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, apontava três produtos âncora que deviam estruturar a especialização das ilhas:

- (i) *Sol e praia*, centrado nas *ilhas do sol* (Sal, Boavista e Maio). Estas ilhas revelam aptidões especiais para a praia e, complementarmente, para a prática de desportos náuticos.
- (ii) *Natureza insólita*, propício nas *ilhas dos sentidos* (Santo Antão, Santa Luzia, S. Nicolau, Fogo e Brava). O quadro natural, a par da cultura, apresenta condições específicas para a prática



de diferentes modalidades de turismo natureza, desporto (tracking, BTT, caminhadas), observação de aves e espécies marinhas;

(iii) *Negócios, eventos e lazer, nas ilhas do glamour* (Santiago, São Vicente). O contacto com estas ilhas permite uma vivência cultura rica e singular e usufruir dos encantos da história, da música, da dança e da gastronomia.

O que se acaba de expor põe em evidência que a crónica dependência do país não diminuiu com a expansão do turismo. Por outro lado, esta dependência externa acentua a vulnerabilidade do país e a exposição às crises, sejam as económicas, mais ou menos conjunturais, como as que temos vivido ciclicamente nas últimas décadas, como as de outro cariz, como a recente crise pandémica, responsáveis diretos pela diminuição da procura turística a nível internacional e o retraimento dos investimentos externos no país.

As políticas públicas são ainda mais relevantes em contextos tão frágeis como os apresentados por Cabo Verde. O seu papel é fundamental para orientar um desenvolvimento mais justo e equitativo, incluindo o do turismo, onde devem presença destacada as práticas de conservação e gestão a nível ambiental. O tão almejado desenvolvimento sustentável implica conciliar as potencialidades disponíveis sem sacrificar os recursos e o ambiente, onde a riqueza gerada não comprometa a equidade económica, social e territorial, do nível local ao nacional.

Após os últimos anos vividos sob uma crise profunda, o turismo das ilhas no período pós-covid debate-se com a enorme incerteza que o atual conflito bélico veio acentuar. Embora Cabo Verde não esteja imune aos efeitos colaterais desta tensão e esteja confrontado com a necessidade de percorrer estes caminhos de incerteza convidamos a realizar uma viagem imagética pelo arquipélago. O *Roteiro (geo)fotográfico pelas ilhas “afortunadas”* que vamos apresentar, a exemplo doutras anteriormente ensaiadas (JACINTO, 2011), segue o lema daquela expressão crioula, presente num verso de Eugénio Tavares, que significa “quem não parte/ *nunca regressa*”: *Se ca bado/ Ca ta birado*.

As imagens, recolhidas em sucessivas viagens a Cabo Verde (2005, 2008 e 2011), mostram sítios e lugares, vulnerabilidades ambientais e constrangimentos sociais, a importância decisiva da geografia, como problema, mas, também, como recurso que o país tem à sua disposição. Ficam evidentes pelas imagens as motivações que levam tantos estrangeiros a demandarem o arquipélago, as experiências que podem vivenciar. O convite a qualquer viagem não dispensa um roteiro que



foi desenhado a partir de cinco coordenadas que nos facultam uma introdução à leitura das singularidades do território de Cabo Verde: (i) O mar: sol, praia, insularidade; (ii) A terra: património natural, paisagens insólitas; (iii) O tempo: povoamento, património, memória colonial; (iv) As pessoas: cultura, identidade, morabeza; (v) O turismo: o sol, a praia, a natureza, a cultura.

Se ca bado/ Ca ta birado⁴: um roteiro (geo)fotográfico pelas ilhas “afortunadas”

I. O mar: sol, praia, insularidade.

Poema do Mar

O drama do **Mar**,/ **desassossego** do mar,/ **sempre/ sempre/ dentro de nós!** // O Mar! / cercando/ prendendo as nossa Ilhas! / Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores, / roncando nas areias das nossas praias, / batendo a sua voz de encontro aos montes, / baloiçando os barquinhos de pau que vão Poe estas costas... //

O Mar! / pondo rezas nos lábios, / deixando nos olhos dos que ficaram/ a nostalgia resignada de países distantes/ que chegam até nós nas estampas das ilustrações/ nas fitas de cinema/ e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros/ quando desembarcam para ver a pobreza da terra! //

O Mar! / a esperança na carta de longe/ que talvez não chegue mais! // O Mar! / saudades dos velhos marinheiros contando histórias de tempos passados, / histórias da baleia que uma vez virou canoa... / de bebedeiras, de rixas, de mulheres, / nos portos estrangeiros... //

O Mar! / dentro de nós todos, / no canto da Morna, / no corpo das raparigas morenas,/ nas coxas ágeis das pretas, / no desejo da viagem que fica em sonhos de muita gente! // Este convite de toda a hora/ que o Mar nos faz para a evasão! / **Este desespero de querer partir/ e ter que ficar!**

(Jorge Barbosa. Ambiente, 1941)

⁴ Verso do poema Morna da despedida de Eugénio Tavares (*in* Mornas – canções crioulas, 1933), assim traduzido por Manuel Ferreira: “Se não partir (quem não parte)/ Não se regressa (*não regressa* ”).



O mar em Cabo Verde: presença constante e envolvente.
Ribeira Grande, Santo Antão.



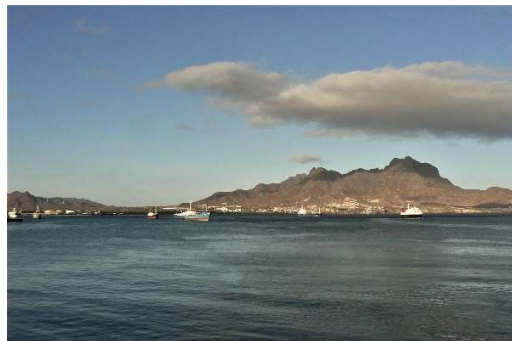
Recorte de costa bastante pronunciado.
Santiago.



Lava da última erupção numa rechã junto
ao mar.
Relva, Fogo.



Enseada, antiga aguada.
Cidade Velha, Santiago.



Monte Cara e Porto Grande.
Mindelo.



O mar e a pesca.
Tarrafal, Santiago.



O mar, a pesca e o turismo.
Santa Maria, Sal.



Fronteira azul, a linha de costa e o vulcão
do Fogo no horizonte. Vista de avião sobre
Santiago.



Porto (Grande), cais de partida.
Mindelo, S. Vicente.

II. A terra: património natural, paisagens insólitas

Poema

Talvez um dia/ Quem sabe!... // Sim/ talvez um dia.../ pedra jogada/ a nossa gaiola de vidro/ e para nós/ a fuga/ além fronteira do mar. //

Talvez arrebente um dia/ o búzio dos mistérios/ no fundo do mar// e mais um vulcão venha a tona/ — dez vinte/ mil vulcões — Quem sabe!... /e as ilhas fiquem derretidas: /Estranha alquimia/ de montes e árvores/ de lavas e mastros/ de gestos e gritos. //

Talvez um dia/ onde é seco o vale/ e as arvores dispersas/ haja rios e florestas. /E surjam cidades de aço/ e os pilões se tornem moinhos. // Ilhas renascidas/nuvens libertas... Talvez um continente/ À medida dos nossos desejos. // Sim/ Talvez um dia.../ / Quem sabe!

(Arménio Vieira. Mákuá 1, 1962)



O vulcão do Fogo visto da caldeira.

Chã das Caldeiras, Fogo.



Antigo cone de vulcão agricultado.
Tope da Coroa, Santo Antão.



Escarpa da cratera vulcânica e a Chã das
Caldeiras com lava da última erupção.
Fogo.



Ribeira Calabaceira vista do forte de S.
Filipe.
Cidade Velha, Santiago.



Salinas em antiga cratera vulcânica.
Pedra Lume, Sal.



Passagem entre vales encaixados.
Delgadinho (Desfiladeiro), Santo Antão



Cultivo de cana em vertente com socalcos.
Santo Antão.



Povoamento em encosta
Santo Antão.



Agricultura.
Vale do Paul, Santo Antão.

III. O tempo: povoamento, património, memória colonial

Canta cu alma, sem ser magoado

Céu é grandi, mundo é largo/ Alto é monti picu 'Ntoni/ Bo dor câ tem comparaçon/ Na mei' di fúria bento lesti//

Teteia bai pâ nunca más/ Terra-longi di San Tomé

Nha Cumá, Toti Cadabra/ Curti mundo d'amargura//

Toca cimboa, rapica tamboro/ Canta cu alma, sem ser magoado//

S'quêce vapor, s'quêce distância/ Finca bo pé na terra firmi/ Rumo di mar é sina tristi/

Bo caminho é tchom di Caoberdi//

Nho Nacho flâ al di bêm tempo/ Qui midjo tâ dê sem mêste tchuba/ Vontadi d'omi é sima Deus/ **Coração forti câ dêbe tchora//**

Toca cimboa, rapica tamboro/ Canta cu alma, sem ser magoado.

(Arménio Vieira)



Cidade histórica, Património da Humanidade (2009).
Cidade Velha, Santiago.



Campo de Concentração do Tarrafal.
Chão Bom, Santiago.



Pelourinho.
Cidade Velha, Santiago.



Cidade colonial.
Praça Serpa Pinto, Praia.



Rua de Lisboa
Mindelo, S. Vicente.



Cidade pós-colonial.
Periferia da Praia, Santiago



Cidade pós-colonial.
Periferia do Mindelo, S. Vicente..



Casa de sobrado.
S. Filipe, Fogo.



Povoamento rural.
Monte Brasil, Tarrafal, Santiago.

IV. As pessoas: cultura, identidade, morabeza

Crioulo

Há em ti a chama que arde com inquietação/ e o lume íntimo, escondido, dos restolhos/ -
que é o calor que tem mais duração. / A terra onde nasceste deu-te a coragem e a
resignação. / Deu-te a fome nas estiagens dolorosas. / Deu-te a dor para que nela/
sofrendo, fosses mais humano. //

Deu-te a provar da sua taça o agri-doce da compreensão, / e a **humildade que nasce do
desengano...**// E deu-te esta **esperança desenganada/** em cada um dos dias que virão/ e
esta **alegria guardada/ para a manhã esperada/ em vão...**

(Manuel Lopes. Crioulo e outros poemas, 1964)



Morabeza: ambiente urbano.
Mindelo, S. Vicente



Cena de rua; mercado informal.
Mindelo, S. Vicente.



Regresso da pesca, início da venda do
pescado.
Tarrafal, Santiago.



Água e precaridade das condições de vida
Interior de Santo Antão.



Mulher e condições de vida.
Cidade Velha, Santiago.



Trapiche e fabrico de grogue.
Interior de Santiago.



Artesão de instrumentos musicais
Mindelo, S. Vicente



Musica, constante da cultura e do
quotidiano.
Mindelo, S. Vicente



Mar e meditação.
Mindelo, S. Vicente

IV. O turismo

Anseio

*Ah, esta ânsia de partir, de ser/ um barco mais na imensidão do mar... / De ir sempre
além, sem saber/ a rota certa para regressar...//*

*De ver as praias distantes/ que o meu desejo embeleza.../ Em viver aqueles instantes/
estranhos na sua incerteza... //*

*Ah, esta ânsia.../ Fraco, permaneço/ na mesma inútil imobilidade.../ Espártaco de hoje,
careço/ de direito de cidade...*

(Daniel Filipe. Missiva, 1946)



Turistas europeus.
Santa Maria, Sal.



Turismo de sol e praia.
Santa Maria, Sal.



Praia.
Tarrafal, Santiago.



Turistas junto a curiosidade geológica.
Buracona, Sal.



Rua da Banana, património histórico.
Cidade Velha, Santiago.



Turismo, paisagem e património natural.
Interior de Santo Antão.



Música e imaginário da cabo-verdianidade.
Pintura em sala do Aeroporto Amílcar Cabral.



Turismo e impacto paisagístico.
Santa Maria, Sal.



Turismo e crescimento urbano.
Espargos, Sal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFAMA, V.; GOMES, A; BRILHA, J. Guia turístico da Ilha do Fogo. Coimbra : Universidade de Coimbra, 2008.

ALMEIDA, Germano. **Cabo Verde - Viagem pela História das Ilhas**. Alfragide : Caminho, 2003.

AMARAL, Ilídio [1964]. **Santiago de Cabo Verde**. A terra e os homens (Memórias da Junta de Investigação do Ultramar, nº 48, Lisboa). Faro : Universidade do Algarve, 2007.

CARREIRA, António. **Estudos de economia Cabo-verdiana**. Lisboa : INCM, 1982.

_____. **Cabo Verde**. Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878). Praia : Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.

_____. **Migrações nas ilhas de Cabo Verde**. Praia : Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.



CUNHA, Lúcio; JACINTO, Rui; CRAVIDÃO, Fernanda. Tourisme et développement au Cap-Vert au début du XXI^e siècle. **Revue internationale de géologie, de géographie et d'écologie tropicales** (Revue publiée sous le patronage scientifique de l'Académie royale des Sciences d'Outre-Mer de Belgique) v. 39, n. 2, p. 281-296, 2015.

CUNHA, Lúcio; JACINTO, Rui. Turismo e desenvolvimento dos territórios insulares. Apontamentos para uma Geografia do Turismo em Cabo Verde. In: CRAVIDÃO, Fernanda; SANTOS, Norberto (coords.). **Turismo e Cultura: destinos e competitividade**. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. p. 507-545.

_____; _____ (coords). **Interioridade/ Insularidade - Despovoamento/ Desertificação: Paisagens, Riscos Naturais e Educação Ambiental em Portugal e Cabo Verde**. Coleção Iberografias, v. 17. Guarda : CEI, 2011.

HANRAS, Marie-Christine. **Manuel Lopes, um itinerário iniciático**. Praia : ICL, 1995.

JACINTO, Rui; RIBEIRO, Maria Luisa Ferro. A Toponímia de Cabo Verde: apontamentos sobre as suas Geografias. **Iberografias (Revista de Estudos Ibéricos)**, Guarda, n. 16, p. 33-64, 2020.

JACINTO, Rui. Transversalidades, Interioridades, Insularidades: apontamentos de viagem ao Interior da Beira e ao Arquipélago de Cabo Verde. In: CUNHA, Lúcio; JACINTO, Rui (coords). **Interioridade/ Insularidade - Despovoamento/ Desertificação: Paisagens, Riscos Naturais e Educação Ambiental em Portugal e Cabo Verde**. Coleção Iberografias, v. 17. Guarda : CEI, 2011. p. 27-65.

_____. Cabo Verde segundo Maria Luisa Ferro Ribeiro: território e sociedade. **Iberografias (Revista de Estudos Ibéricos)**, Guarda, n. 11, p. 181-193, 2015a.

_____. Cabo Verde: uma incompleta bibliografia geográfica. **Iberografias (Revista de Estudos Ibéricos)**, Guarda, n. 11, p. 194-202, 2015b.

_____. Si kabadu, ka ta biradu: Cabo Verde, os Países de Língua Portuguesa e a Geografia de Coimbra. **Iberografias (Revista de Estudos Ibéricos)**, Guarda, n. 11, p. 203-207, 2015c.

_____. "As-água" na Geografia e Literatura de Cabo Verde: Manuel Lopes e a geograficidade da sua obra. In: NUNES, Adélia; MOREIRA, Claudete Oliveira; PAIVA, Isabel Rodrigues; CUNHA, Lúcio Sobral (coords). **Territórios de Água**. Coimbra : CEGOT - Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, 2016a. p. 561-568.

_____. Música e identidade cabo-verdiana: a propósito da candidatura da Morna a Património Imaterial da Humanidade. In: JACINTO, Rui; CABERO, Valentin (coords.). **Diálogos (Trans)fronteiriços: Patrimónios, Territórios, Culturas**. Coleção Iberografias, n. 31. Guarda : CEI, 2016b. p. 381-390.

LOPES, Baltasar. **Chiquinho**. Mindelo : Claridade, 1947.



LOPES, Manuel. **Chuva Brava**. 1956.

_____. **O Galo cantou na Baía**. 1959.

_____. **Os Flagelados do Vento Leste**. 1960.

MARTINS, Alfredo Fernandes. Alguns reparos à classificação de colónias proposta por Hardy. **Boletim do Instituto de Estudos Franceses**, v. II/III, p. 187-208, 1943.

MURTEIRA, Mário. **Os estados de língua portuguesa na economia mundial**. Lisboa : Presença, 1988.

NASCIMENTO, Judite; JACINTO, Rui. Villes et conditions de vie urbaine au Cap Vert. **Revue internationale de géologie, de géographie et d'écologie tropicales** (Revue publiée sous le patronage scientifique de l'Académie royale des Sciences d'Outre-Mer de Belgique), v. 39, n. 2, p. 255-280, 2015.

RIBEIRO, Maria Luísa Ferro. **A Ilha de Santiago**. Contribuição para o estudo de uma fenomenologia sócio-económica. Tese (Licenciatura em Geografia), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1961.

RIBEIRO, Orlando, **A Ilha do Fogo e as suas erupções**. Memórias da Junta de Investigação do Ultramar, nº 1, 1954..

_____. Primórdios da ocupação das ilhas de Cabo Verde. **Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa**, tomo XXI, n. 1, 1955.

_____. As ilhas de Cabo Verde no princípio do século XIX: memórias de António Pusich. **Garcia de Orta : Revista da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar**, Lisboa, v. IV, n. 4, p. 605-634, 1956.

SEMEDO, José Maria. O milho, a esperança e a luta. In: VEIGA, Manuel (coord.). **Cabo Verde: insularidade e literatura**. Paris: Editions Karthala, 1998. p. 81-92.

VEIGA, Manuel (coord.). **Cabo Verde: insularidade e literatura**. Paris: Editions Karthala, 1998.

.